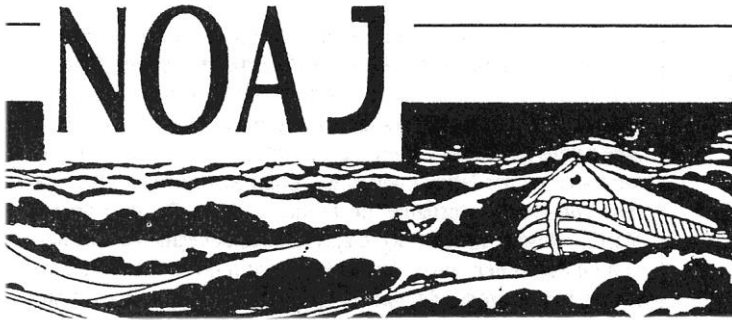




Año II, N°. 2, julio de 1988

Dines, Alberto. "A morte do inventor do Paraíso (I)". pp. 50-55

Alberto
Dines

“Se
algures
existe
um
Paraíso
terreste
não
pode
estar
longue
daqui...”

(Américo
Vespúccio, citado
por Stefan Zweig
em **Brasil, País
do Futuro**)

A morte do inventor do Paraíso (I)

Este ensaio é uma síntese do livro **Morte no Paraíso**, biografia de Stefan Zweig editada no Brasil, em 1981, por ocasião do centenário de nascimento do escritor. Publicado em alemão na coletânea “**Stefan Zweig-Heute**” (Peter Lang Verlag, 1987). Esta é a primeira parte do artigo; a segunda parte aparecerá em Noaj 3.

O inventor do Paraíso não resistiu ao convívio com o Eden. Como se Thomas Morus tivesse sido crucificado em sua utopia, Stefan Zweig, o idealista, forjador do **Brasil, País do Futuro**, sucumbiu vencido pelas próprias delícias do quadro que visualizou.

Em seis anos e meio, de 21 de agosto de 1936 a 24 de fevereiro de 1942, armou-se e desarmou-se uma histórica de mor entre um escritor e um país. O retratista das grandes paixões e das reviravoltas da HISTÓRIA, fascinado sempre pelo turbilhão das emoções, o apostador no imprevisito, enredou-se perdidamente por um rincão e acabou vencido por ele. Amante e objeto amado

jamais se maltrataram. Do primeiro ao último instante a relação entre Zweig e o Brasil semprefoi delicada, repleta de expressões e gestos efusivos. Mas, justamente o carinho incompleto, a entrega com reservas, resultaram numa integração ambígua, engendrando uma cadeia de malentendidos que tornaram aquela paixão um jogo inconcluso e, em certas situações, falso. No trópico, nem tudo é paraxismo, às vezes, apenas equívocos. **Au dessus de la mellée**, a palavra-de-ordem de Romain Rolland durante a Primeira Guerra para escapar do nacionalismo militarista acabou sendo assimilada por seu pupilo Zweig como programa de vida. Imigrantes, porém, não podem assumi-la sob pena de converterem-se em eternos exilados, deslocados.

A relação entre pessoas a países transita pelo vulcão do patriotismo. Ou pelo cinismo. Aos homens-de-mundo, isentos tanto de um como de outro, cabe a difícil tarefa de amar a todo — a humanidade — e as partes — nações — relacionando-se com os acertos e desacertos sem preferências e hierarquias. Zweig, ao contrário, ao identificar-se com o humanismo sem fronteiras elegera, ao mesmo tempo, um pedaço de terra onde, imaginava, este humanismo ser cristalizaria num sistema brando e amável. Chamuscado pelos eflúvios da paixão nacionalista no início da Primeira Guerra, logo em seguida, sob a orientação de Rolland, Zweig vacinou-se contra o chauvinismo. Mas, a cultura vienense do fin-de-siècle, da qual era fruto dileto, inoculou-o com um tipo de atitude, de certa forma, pior do que o fervor patrioteiro, ainda que doce na aparência: o idilismo.

A idealização da humanidade não chega a perturbar, ao contrário, é a alavanca do solidarismo. Mas, a idealização de fórmulas, modelos ou nações pode ser perigosa.

Curiosamente Zweig escapara — sem muita perícia, aliás — do idealismo judaico que lhe acenaram primeiro Theodor Herzl, o

fundador do sionismo político no início do século e, depois, Martin Buber, o grande filósofo do diálogo e do misticismo (1). Mas quando as sombras da grande catástrofe mundial começaram a delinear-se nos anos 30 toda a carga de utopismo vienense contida desde 1919 abateu-se sobre aquela alma frágil, atormentada em busca de paz e certezas. Zweig, então, passou a ansiar não apenas por um pouso que o abrigasse das intempéries políticas e existenciais mas por algo em que acreditar. Alguma coisa – um país – deveria dar certo. Alguma entidade no cenário internacional deveria representar a antítese da negra conjuntura dos anos 30, o lado bom das notícias. Com tantos vilões na fábrica de imaginação em meio ao pior inferno; as utopias engendradas, via de regra, nos piores momentos da História. Em meio àqueles desempenhos tão decepcionantes na urdidura da situação mundial Zweig carecia de um pedaço de terra representando a coisa limpa e decente, onde sua necessidade de harmonia e sossego pudesse se materializar: o Brasil.

Dividido entre duas mulheres, dilacerado pela indecisão, tendo acabado de dissipar sua torre-de-marfim em Salzburg, Zweig precisava de novo santuário. Data deste período uma entrevista concedida ao **The New York Times** onde coloca em dúvida e faz restrições à idéia do Lar Nacional Judeu na Palestina. (2) Se aquele texto lido com a ótica contemporânea pode ser visto como uma prospecção sobre os descaminhos que o Estado de Israel, trilharia 50 anos depois, com a visão daqueles dias, suas palavras soam simplesmente como rejeição da idéia de um Estado **diferente**, ou nação-modelo.

E, de repente, um convite para cruzar o Equador em direção ao Novo Mundo. Este momento o Brasil passa a ser personagem na novela do novelista.

Stefan Zweig já procurara outros mundos em outras épocas. Mas, a intensidade da procura bem como a necessidade de encontrar a pérola entre as nações não foram suficientemente fortes. Aquelas andanças quase juvenis serviram como fonte de inspiração, armazém de experiências – nada mais. Em 1908, com 27 anos, estivera na Índia atraído pela mesma nostalgia pelo passado e pela mesma idealização do Oriente que muito antes já havia tocado Heinrich Heine. Zweig foi movido pelo mesmo impulso que em ocasiões diferentes empurrou para o Oriente um grande contingente de intelectuais de fala alemã em busca de novos motivos e materiais para suas obras. (3). No clã Jung-Wien o poeta Hugo Von Hofmannsthal demonstrara um forte anelo pelo oriente conforme indica sua admiração por Lafcadio Heran, o “descobridor” intelectual do Japão (4).

Ao contrário do que aconteceu com Herman Hesse e Gustav Jung a viagem de Zweig à Índia, Malásia, Ceilão e Indonésia não causou grandes impactos ou mudanças seja na temática, concepções ou mesmo entonação existencial. A jornada foi sugerida por Walther Rathenau, seu amigo, não foi ditada por necessidade íntima, impulso interior. “Por que não vais às Índias ou América?” disseram-lhe o empresário e político alemão. Obediente, Zweig foi à Índia e, depois, à América. “As Índias deram-me uma impressão meio lúgubre e aflitiva do que esperava” confessa em suas memórias (5). Incomodou-o a discriminação, as castas. **Amok**, novela a paixão delirante, foi escrita 13 anos depois da viagem, visão enferma do exotismo oriental, bastante diferente das revelações essenciais ocorridas com os demais peregrinos (6). **Olhos do Irmão Eterno**, outro produto daquela jornada ao outro lado do mundo foi escrito em 1922, 14 anos depois da viagem. (7).

No entanto, em 1912, quando Zweig foi incumbido por Hofmannsthal de organizar uma edição de obras de Lafcadio Hearn,

Alberto Dines:
ensayista y
journalista brasileiro.
Autor do livro: Morte
no Paraíso, biografia
de Stefan Zweig
(1981)

na introdução de *Das Japanbuch* cometeu, inconscientemente, uma daquelas suas típicas percepções. Explicando o escantamento de Hearn pelo Japão disse que o escritor precisou da penosa experiência de vida no ocidente para, então, desvendar a delicadeza do Oriente. É preciso, pois, passar pelas chamas do inferno para, então discernir os contornos do paraíso. Quando Hittler já iniciara seus desmandos e perseguições raciais, Zweig encontrou no Brasil uma anti-tese da Índia, ou assim pensou: uma democracia étnica, cordial.

Ainda que não tivesse ficado muito impressionado com a Guerra Civil Espanhola com a qual entrou em contato na escala em Vigo, Zweig arribou no Novo Mundo com a nítida sensação de que o Velho Mundo desmoronava-se. Esse confronto de antiguidade com novidade não afeta quem parte da Europa em direção ao Oriente, ambos são venerandos. Antes mesmo de pisar solo brasileiro já tinha dentro de si o impulso típico daqueles que desvendam o Eldorado pois no meio da viagem, em pleno oceano, numa espécie de remissão histórica, compreendeu a façanha dos primeiros navegadores ibéricos que partiram para o desconhecido com a visão do paraíso na alma (8). Do navio, em carta a Frederike de quem já se separara mas a quem continuava delegando tarefas, encomenda farto material sobre o intrépido navegador português Fernão de Magalhães, mais tarde convertido em personagem de uma biografia (9).

Ainda a bordo do navio, atracado no porto do Rio de Janeiro, conhecendo o país somente pela paisagem deslumbrante do litoral, Zweig declarou afoitamente aos repórteres que escreveria um livro sobre aquela terra (10). Dias mais tarde em meio ao turbilhão mundano e eufórico que foi aquela estada, numa conferência na Academia Brasileira de Letras, Zweig declarou: "O Brasil foi sempre para mim uma visão mágica" (11). No mesmo arrou-

bo confessou que tudo começara na sua infância quando colecionava selos (12). A través da filatelia, das apaxionantes aventuras narradas por Karl May ou pelos coloridos prospectos de agências de viagens a sua imaginação do *fin-de-siècle* fabricou inúmeros paraísos.

A "visão mágica" do Brasil foi seguramente providenciada pela natureza exuberante da antiga Capital, o Rio. A cultura e os valores vienenses de antes da guerra entronizavam o jardim como símbolo idílico da sociedade humana (13). O jardim como representação da ordem, da harmonia e da conciliação esteve sempre muito presente no impressionismo vienense. Zweig dele não poderia escapar, fruto que era desta civilização. Quando o jardim austro-húngaro desfez-se com o fim de Imperio Habsburg, Zweig montou seus canteiros particulares numa colina de Salzburg. Quando a 2a. Guerra estava prestes a explodir fez outros em Bath, Inglaterra. Mas, não soube discernir a diferença entre o jardim – representação da natureza domada e harmoniosa – com a mata estalando de vitalidade e morte. Na palheta de cada pintor existem vários verdes, na dos naturistas pelos menos dois – o verde suave do jardim artificialmente irrigado e o verde escuro da floresta úmida, tropical. As conversas entre Zweig e seu jardineiro em Bath, Mr. Miller, antes de decidir-se a abandonar a Inglaterra para fixar-se definitivamente no Brasil, revelam o trágico erro de quem imaginou que as botas nazistas esmagariam todos os jardins da Europa – inclusive os ingleses – e que o refúgio estaria apenas na distante selva virgem do Eden Brasileiro. (14). Não contava com a tristeza embutida nas exuberâncias. Nos 10 dias da primeira estada no Brasil o encantamento pela paisagem, pela cordialidade das pessoas, pela moderação nas relações e pela miscigenação racial – modelos culturais que trazia do Império Austro-Húngaro – impediram que pudesse avaliar com realismo o país-jardim. A Vie-

na tropical fabricada por sua imaginação tornava-se mais real do que a original que, naquele instante, passava por dolorosa experiência política. Passou por cima das deformações da cópia: dez meses antes, o governo semi-ditatorial do Presidente Getúlio Vargas esmagara um levante comunista iniciando feroz repressão aos simpatizantes de Aliança Nacional Libertadora, grande frente política compreendendo liberais, socialistas e comunistas. O Congresso funcionava mas vários congressistas estavam presos, o próprio prefeito do Distrito Federal (indicação do Presidente) estava preso. Luiz Carlos Prestes, o líder comunista há poucos anos festejado como herói militar, agora fora esmurrado publicamente por um policial numa audiência pública de seu julgamento e vivia confinado numa cela solitária. Sua mulher, Olga Benário, estava sendo expulsa naquele mesmo instante em que Zweig arribava, porque era judia de nacionalidade alemã — apesar de grávida, foi internada num campo de concentração nazista onde veio a falecer (sua filha escapou). Escritores como Graciliano Ramos estavam presos, professores de universidade afastados dos cargos.

O país ainda não era uma ditadura formal, esta só viria a conformar-se um ano depois, em 1937 quando Vargas com apoio de militares de direita decretaria o Estado Novo visivelmente inspirado no paradigma fascista de Mussolini, com grande aceitação em amplos círculos políticos e intelectuais. Ambiguidade política característica, onde as instituições simbolizam algo que a realidade não confirma e os direitos no papel são diferentes dos que podem ser exigidos na vida real. O despotismo esclarecido, uma das marcas da dinastia dos Hasburg (fator primordial da sua longevidade) teve grande aceitação em Portugal e, de lá, inculcou-se na vida política brasileira.

Dois Hasburg estiveram no Brasil. A primeira, Maria Leopoldina, filha de Francisco I, veio a ser a primeira Imperatriz do Bra-

sil. O outro, Maximilien, irmão do Imperador Francisco José, esteve no Brasil em 1860, quatro anos antes de ser entronado como Imperador de México. Maximilien, príncipe **globetrotter**, esteve na Bahia e deixou um livro de impressões de viagem impregnado do mesmo idilismo, encantopelo viço da natureza e simpatia pela amenidade das pessoas que seu conterrâneo Stefan Zweig usaria com entronação utópica 76 anos depois em seu **País do Futuro** (15).

Maximilien não tinha problemas e Zweig os tinha demais. O dileitante e o angustiado foram enganados pela mesma magia. O príncipe na mesma ilusão acabou aceitando o cetrote outro Eldorado naquele mundo novo. Foi fuzilado. O escritor deixou-se enredar pelas aparências desta Terra Prometida. Suicidou-se.

Nas castas à Frederike, sua primeira mulher, escritas do Brasil, Stefan já menciona a palavra “paraíso”. No livro de memórias, ela conta que na volta, quando foi esperá-lo em Southampton, o ex-marido estava mais feliz do que nunca. A compulsão da felicidade fora mais forte do que as evidências. A tal “visão mágica” permitiu um hiato de ventura naquela alma perseguida por dores-do-mundo engrenadas com dores- pessoais. O atento observar da História foi ludibriado por aqueles dias maravilhosos, longe dos problemas suscitados pelas duas mulheres e pela violência política. Toda miragem é feita de ansiedade.

Ademais — como sempre acontecia em períodos de euforia — bordejava pelo caminho da levandade. Sentia-se um **expert** em Brasil. A fidalga recepção brasileiro — Zweig fora hóspede oficial — o encontro com o Presidente da República e Ministros de Estado, as homenagens que recebera do **gran-monde** intelectual e mundano deram-lhe a falsa impressão de ter conquistado aquele imenso país — sabia de tudo sobre ele. De regresso do Congresso do PEN Clube na Argentina (destino último daquela viagem) pas-

sou novamente pelo Brasil mas escolheu um navio que faria duas escalas diferentes: Salvador e Recife. Nesta última, foi cicerone do grupo de escritores, seus companheiros de bordo. Como se já conhecesse aquela terra em profundidade. Quem nestas condições acredita que pode enganar-se? “Very sorry to leave already Brasil, but quite sure to come again in this wonderful country”, escreveu ele para um repórter. A troca de preposições é reveladora – ele já estava **dentro** daquele país. (16).

A segunda “experiência brasileira” não foi bem sucedida: o amável “conquistador” foi rejeitado e isto talvez explique sua insistência posterior. A coisa passou-se da seguinte maneira: Zweig conseguira regularizar sua situação legal na Inglaterra mas tão logo começou o conflito mundial (quando a Alemanha parecia imbatível) tentou obter, como garantia, a cidadania brasileira. Quem revela o episódio é o diplomata James Chermont que serviu de cicerone oficial de Zweig na primeira viagem. Chermont conta que no início da guerra, Zweig (que com ele iniciara uma relação de amizade) escreveu-lhe, pedindo para interferir junto ao governo brasileiro e obter uma naturalização. Chermont levou a carta ao seu superior, o Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha – um liberal que tentava convencer Vargas a aproximar-se dos Aliados mas que, agora sabe-se, foi um dos esteios das restrições à imigração dos refugiados – que a mostrou ao próprio Presidente. Vargas mandou dizer ao escritor que, pela lei brasileira, só poderia conceder a cidadania a quem permanecesse no país durante 10 anos consecutivos. No caso de Zweig, poderia ser aberta uma exceção: bastariam 5 anos de permanência ininterrupta. Verdadeira barganha! Zweig polidamente agradeceu como era seu feito mas informou que não poderia ficar tanto tempo num só país face a seus inúmeros compromissos internacionais. (No fundo conhecia sua natureza errante e peregrina) (17).

O episódio não magoou a Zweig pois em agosto de 1940 voltou ao Brasil para uma estada de seis meses, junto com Lotte agora formalmente sua segunda mulher, a fim de reunir material para um livro sobre o Brasil. Em novembro obtinha um visto de residência no país numa época em que os refugiados de guerra eram até expulsos, esgotado o prazo do visto de turista.

O livro **Brasil, País do Futuro** e a obtenção deste visto estão intimamente ligados. Tudo indica que foi um “negócio” previamente combinado. Se a concessão da licença de permanência constituiu um alívio para Zweig, o livro foi motivo de muita mágoa. Os dois fatos estão evidentemente interligados. Quando partiu da Inglaterra, Zweig já tinha acertado a permanência de seis meses no Brasil para tratar do livro e um breve interregno na Argentina para conferências. Acontece que neste breve intervalo na capital portenha conseguiu converter no consulado brasileiro o visto de turista no almejado certificado de residência no Brasil. (Era esta a implacável praxe da Chancelaria Brasileira para evitar que os refugiados ficassem no país clamando por um visto definitivo). No seu passaporte, como no de Lotte, foi registrado que a concessão deveria-se ordem telegráfica do Ministério no Rio e que o portador fora “dispensado de qualquer documentação”. Quem conhece as dificuldades que as autoridades brasileiras criavam para a concessão de vistos permanentes – especialmente judeus – pode avaliar o privilégio (18).

O resto daquele semestre foi ocupado numa vertiginosa viagem pelo Nordeste e Norte do Brasil para colher material para o livro. Foi uma jornada desastrosa, grande parte dela no ar, acompanhado por um cicerone do governo, jornalista humilde e prestimoso que colocou o escritor em contato com o oficialismo e a trivialidade locais. Por ter aceito a ajuda do governo nas passagens e na hospedagem criou-se um malentendido que deixou marcas até de-

tivera várias vezes com Lourival Fontes, o *czar* da propaganda do Estado Novo, intelectual de nítida vinciação fascista mas que devotava enorme respeito aos homens de espírito. Com Fontes, Zweig apenas tratou dos detalhes da viagem mas numa época em que imperava a censura à imprensa os boatos substituíam as notícias – a versão foi mais importante do que o fato. E, logo, nos meios jornalísticos espalhou-se que Zweig fora “comprado” pelo governo Vargas para escrever uma louvação sobre o país e o regime. A ninguém ocorreu que o livro pudesse ter sido um intercâmbio de favores: em troca de um apanhado lírico sobre um país que realmente o encantara, a garantia de segurança representado por uma preciosidade – um visto de residência num país do outro lado do Atlântico. (19).

Esta incompreensão a estas intrigas Zweig não pode detectar porque no Brasil vivia num mundo alienado, distante da realidade. Responsável por isso foi seu editor brasileiro, o jovem Abraão Kogan para quem a ligação com o poder era sinônimo de segurança. Outro responsável foi Claudio de Souza, presidente do PEN Clube local que resolveu apoderar-se do escritor. De Souza, homem próspero, ligadíssimo ao governo Vargas, dono de farta e insignificante produção literária, foi amigo fiel e dedicado de Zweig até os últimos momentos mas esta amizade evidentemente prejudicou Zweig afastando-o dos verdadeiros artistas e los intelectuais autênticos. Jorge Amado que, na ocasião, era um escritor estreante lembra-se da fama de Zweig em função das suas amizades no círculo dos “literatos de salão”. (20)

Notas:

- (1) *O relacionamento com Herzl está narrado em O Mundo de Ontem e Encontros com Homens, Livros e Países. A correspondência entre Zweig e Buber está em The Impact of Martin Buber on Stefan Zweig de Mark H. Gelber, Modern Austrian Literature, vol. 14, Numbers 3/4 (University of California, 1981).*
- (2) *Entrevista concedida a Henry W. Levy em 31.01.1935. Trecho: “Detesto qualquer tipo de nacionalismo. Não desejaria que os judeus se transformassem em nacionalistas”*
- (3) *Genesha, Vridhargiri – Das Indienbild Deutscher Dichter um 1900 (Bonn, Bouvier, 1975).*
- (4) *Liptzin, Sol – Lafcadio Hearn, Hugo Von Hofmannsthal and Zweig in The Old Century and the New, Assoc. Univ. Press, New Jersey, 1978.*
- (5) *Zweig, S. – O Mundo de Ontem (pág. 168, edição brasileira).*
- (6) *Como Zweig, Thomas Mann usou a idéia escassamente e como temática. Veja-se As cabeças trocadas.*
- (7) *Além destas produções compôs um poema sobre o Taj Mahal, alguns feuillets e um ensaio.*
- (8) *Holanda, Sergio Buarque – Visão do Paraíso (Cia. Editora Nacional, SP, Brasil, 1977).*
- (9) *Prater, Donald – European of Yesterday, Oxford, 1972.*
- (10) *A Noite, O Globo, O Jornal (jornais do Rio de Janeiro), agosto 21 e 22 de 1936.*
- (11) *Zweig, S. Dank an Brasilien publicado no Correio da Manhã, Rio, 26 de agosto de 1936.*
- (12) *Os primeiros selos brasileiros continham apenas números e efígies. É pouco provável que tenham-no inspirado.*
- (13) *Schorske, Carl E. – Fin-de-Siècle Vienna, Knopf, NY, 1980.*
- (14) *Allday, Elisabeth – SZ, a critical biography, London, 1972.*
- (15) *Habsburg, Maximilien – Reise Skizzen, Bahia, 1860, Wien, 1861.*
- (16) *Depoimentos dos jornalistas Murilo Marroquim e Cleantho Paiva Leite ao autor em Morte no Paraíso. Na ida veio no Alcantara e na volta escolheu o Almanazorra.*
- (17) *Chermont, James. Depoimento ao autor em Morte no Paraíso.*
- (18) *Os originais dos passaportes estão em poder de Samuel Malamud, advogado de Zweig no Brasil.*
- (19) *Magalhães Jr., Raymundo – Importante jornalista e dramaturgo brasileiro foi secretário particular de Fontes e confirma: ele foi o portador do envelope com as passagens aéreas e cartas de recomendações, em nenhum momento cogitou-se de encomendar o livro. E. D’Almeida Vitor, jornalista que ciceroneou Zweig é enfático neste ponto: jamais foi oferecida qualquer vantagem material a SZ para escrever o livro. Depoimentos em Morte no Paraíso.*
- (20) *Depoimento de Gartenberg, Alfred – em Morte no Paraíso.*